

LIVRO/LANÇAMENTO

# Sociedade dos poetas novos

Revelados pela  
Coleção dos Novos,  
no início dos anos  
80, 14 autores  
baianos se reúnem e  
lançam uma  
coletânea de poesia  
e prosa.

Simone Ribeiro



Os anos 80 representaram para um grupo de 14 autores baianos tempos de crise e de rupturas. Apesar das dificuldades para se colocar um livro na rua, eles foram à luta e receberam um benedito empurrão. A porta foi aberta pela Fundação Cultural do Estado, que, no início da década de 80, fazia surgir a *Coleção dos Novos*, especialmente voltada para escritores emergentes. Passados 15 anos, Orlando Pereira dos Santos, Carlos Ribeiro, Dalila Machado, Iracema Valalá, Lázaro Torres, Sebastião Valença Filho, Chico Muniz, Diógenes Moura, Aleilton Fonseca, Mirella Márcia, Roberval Perery, Iderval Miranda, Washington Queiroz e Marcos Ribeiro decidiram comemorar a data

com o lançamento, hoje, a partir das 19 horas, no Espaço Cultural Teletelha, na Barra, do livro *Oitentá* (Poesia & Prosa), editado pela BDA-Bahia.

*Oitentá* é uma coletânea que não expressa um movimento, uma geração literária. Abarca o trabalho inédito de poetas e contistas que têm em comum a diversidade, a pluralidade em termos de forma e de conteúdo. Daí a dificuldade, segundo os organizadores, Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro, de encontrar um título para o livro. A solução, portanto, estava num elemento extraliterário. "Nos anos 80, encontramos a semente dos trabalhos que agora submetemos ao leitor. É certo que os autores já ultrapassaram aquela fase e buscam agora colher os resultados desses anos de experiência definindo, cada qual, o seu estilo e o seu lugar no quadro da literatura baiana mais recente", justificam.

Cada autor foi responsável pela indicação de seus trabalhos, informam os organizadores. "Para estabelecer a ordem de publicação na coletânea, adotamos como critério a mesma seqüência em que aparecem na coleção de acordo com a série, poesia ou prosa", dizem. Capa de Edson Costa Leite e ilustração de capa de Alvaro Machado. *Oitentá* reúne, em mais de 160 páginas, poesias e contos. Fica evidente, após a leitura do livro, a maturidade que seus autores revelam. Muitos deles se dividem em outras ocupações. Além de escritores, são professores universitários, jornalistas, etc. Embora vários tenham nascido no interior do

estado, apresentam em seus textos um forte vínculo com a urbanidade. E como *voyeurs*, perscrutam os tipos e sentimentos que inspiram as metrópoles, suas angústias e dúvidas. Solidão, sexualidade, loucura, questionamentos existenciais, amor e morte são temas que também aparecem identificados nas entrelinhas de *Oitentá*.

Apesar da *Coleção dos Novos* ter sido extinta em 83, em função da mudança de diretoria da Fundação Cultural do Estado, os autores continuaram na batalha pela publicação de seus livros e até hoje assim permanecem. A coleção editou 14 livros entre 1981 e 1983, de prosa e poesia, alternadamente e regularmente de um volume por mês. Segundo os organizadores da coletânea, Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro, "a *Coleção dos Novos*" foi uma iniciativa inovadora e corajosa da poeta Myriam Fraça, que se encontrava então à frente do centro de literatura da Fundação Cultural. Naquele período, como ainda hoje, não havia nenhuma alternativa para autores inéditos dentro da instituição, de forma que a proposta dela foi, de fato, uma novidade".

É ninguém melhor do que Myriam para prelaçar a obra. "A *Coleção dos Novos*" foi um projeto inovador em seus métodos e propósitos. Não era tão somente um concurso literário, mas um processo de avaliação e aprendizado, uma grande oficina onde todos aprendiam que fazer um livro não se esgotava no ponto final do texto, mas se estendia no acompanhamento de todas as etapas, desde a produção dos originais,



formatação, diagramação, revisão e, finalmente, impressão. Cada livro lançado era um conagração e uma vitória". Segundo Myriam, as obras encaminhadas para publicação eram analisadas por uma comissão edito-

rial formada pelos escritores Guido Guerra, Claudius Portugal, Florivaldo Mattos, José Carlos Capinan e Ruy Espinheira Filho, ficando a programação visual a cargo do artista gráfico Humberto Vellame.

projeções

imagem,  
não lhe conheço o fundo  
do olhar:  
mas habito no teu sonho,  
enquanto mundo  
e invisível

caminho  
entre verbo e substância:  
planto sílabas no bolso,  
caixas de sentido móvel:  
e o mais vermelho óleo  
nas veias

imagem e caminho,  
mergulho no mundo  
do mar amaro e largo:  
como sumo de algas soltas  
nos sulcos de mastros:  
somos poucos,  
impossíveis  
e bastos

(ssa, 1996)

Poema de Aleilton Fonseca

Trecho de *Noturno*, de Carlos Ribeiro

Eu vi pela primeira vez, ao lado do Teatro Castro Alves, na entrada para o Garcia, naquela hora da manhã em que toda a gente passa aflita com não sei o quê, e ela passando no meio da multidão com a expressão suave de quem não sabia pra onde estava indo. Havia muitas mulheres, nas ruas, nos escritórios, nos hospitais, em toda parte, mas aquela mulher do repente se so-

bressa, não sei por que, talvez porque tivesse os cabelos curtos e parecia uma francesinha revolucionária dos anos 60 dos filmes de Godard, porque todas as francesas dos anos 60 dos filmes de Godard pareciam revolucionárias por não saberem de onde vêm nem para onde vão, mas eu que sempre sei para onde estou indo (o que me torna às vezes triste)

sentí uma estranha e súbita afinidade com ela e o impulso do seguí-la, de não deixá-la ir, de não deixá-la morrer, como tristemente ocorre a todas as mulheres que desaparecem, simplesmente, como um naufrágio, e se vão perdidas esquecidas, para um futuro melancólico, sem saber que eu poderia salvá-las se não fosse assim um homem ocupado, que tem sempre algum lugar para ir, alguma coisa para fazer, tantas coisas para fazer que em última instância se traduzem em milhões de coisas não feitas, e ela apareceu como uma mulher impossível porque não é concebível encontrar uma francesa dos filmes de Godard na esquina do Campo Grande com o Garcia, próximo ao TCA, numa manhã de janeiro, não é possível vê-la presente ali indo embora para de-

saparecer como sonho, como delírio de um homem que caminha também para desaparecer nesse deserto que chamam de Meia Idade, ou maturidade, e que nada mais é que um imenso desencanto, um pálio frio vindo para sempre de anjos e demônios, de mistério, e é nesse pálio que ela passa agora como uma única flor que resistiu e vejo que perdê-la seria renunciar para sempre ao mistério, trocá-lo pelo bom senso que diz: veja, é muito infantil correr atrás de francesinhas improváveis na rua, porque você é um homem sério e sensato e homens sérios e sensatos devem saber o seu lugar; um homem sério e sensato sabe que deve fazer coisas sensatas, um homem que caminha para esse pálio de racionalidade e bom senso, para

esse pálio cuja expressão exata está nas palavras estabilidade, segurança, conforto, esse pálio que exige um bom posicionamento na vida, papéis bem definidos, atitudes convencionais, enfim, eis o que me reserva o futuro se não sair por aí correndo atrás do mulheres que não existem porque aquela mulher não existe e se tiver paciência poderei vê-la desaparecer para sempre e para sempre me convencer de que realmente não seria bom para mim seguir um fantasma, pois os fantasmas são imprevisíveis, os fantasmas são imprevisíveis, lembre-se disso, e o mundo já é muito perigoso mesmo para os que planejam bem o futuro, para os que têm a segurança de um emprego e o abrigo do lar e da família e horários fixos e trabalho, enfim.

## Acontece

EM SÃO PAULO

Natasha Szaniecki

FALOU, TÁ FALADO

O Programa Comunidade Solidária — preocupado em levar o cinema nacional a 1.100 cidades brasileiras — vai lançar em agosto o seu projeto, totalmente influenciado pelo baiano Glauber Rocha e pelo italiano Bernardo Bertolucci. Quem está ligado, ou já esteve, no metier cinematográfico lembra que Glauber queria que os filmes nacionais fossem veiculados para o povo e não

para o que ele chamava de pseudo-intelectualidade. Os municípios poderão escolher filmes nacionais que desejam ver no circuito local, de preferência produzidos na sua região. A presidente do Conselho do Comunidade Solidária, dona Ruth Cardoso, já aprovou a ideia. Só falta agora executar. Quem diria, Glauber. O que você falou tá falado.

MAIS CARLINHOS

O show dos humoristas do grupo *Casseta & Planeta* do Rio de Janeiro, no final de junho, foi um sucesso. Principalmente quando citaram a Bahia. O grupo apresentou músicas inéditas, mas não deixou de reviver a canção *Fala, Bahia*, do segundo disco. Neste número, o ator Hélio de La Peña interpreta um percussionista baiano que fica complicado e que tem sempre mensagens fundamentais que ninguém entende. Para quem ainda não sacou, a referência é única e direta ao cantor Carlinhos Brown.

PARCERIA

Carlinhos Brown, pelo jeito, não descansa mesmo. Ele fará participação especial no novo disco do ex-Titãs, Arnaldo Antunes. O CD já está para sair do forno e a parceria entre paulista e baiano será na música *Silêncio*.

DIFÍCIL DE APAGAR

Foto: Regina Carneiro



Gal Costa grava sambas antigas

A confusão do último *réveillon* carioca ainda não saiu da cabeça da cantora Gal Costa. Ela, que estava programando gravar um disco com músicas só do cantor carioca Paulinho da Viola, acabou desistindo da ideia. O CD será agora todo dedicado a antigos sucessos do samba. Que venha o que for melhor!!!

MEGASTORE

Foi inaugurada, em São Paulo, a maior livraria da América Latina: a Saravá Megastore. Localizada no Shopping Eldorado, a loja conta com 72.000 títulos. Mas a livraria está apenas na ostentação. Livros raros são uma raridade. Os amantes dos importados, daqueles "classicos", podem continuar frequentando as livrarias que já frequentavam. Com certeza por aqui não encontrarão boas novidades. O que vale mesmo é a facilidade que a loja proporciona aos compradores. Por terminais espalhados nos seus 1.030m, o cliente tem acesso a várias informações como local onde o livro pode ser encontrado, editora, ano de publicação, etc. Os baianos estão bem representados com diversos escritores em várias edições. Vale a pena um passeio.

TOM DA BAHIA

Artur José Santana Martins, o nosso Tom Zé, orgulhoso sobrinho do A ex-deputado Fernando Santana, diplomado no Conservatório de Música da Universidade da Bahia, já está em estúdio gravando o seu próximo CD. Com edição prevista para outubro, pelo selo Luaka Bop — o mesmo que produz os CDs de David Byrne — e distribuição da Warner. Para sucesso de cartá marcada na América e na Europa.